



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1227	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Janeiro de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	\$—	\$—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	\$—	\$—		

Lançamento ao mar do «destroyer» português «Douro»



SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA MANDANDO PARA O MAR O «DESTROYER» «DOURO»

A loucura é contagiosa. A gargalhada lavra, como rastilho ininterrupto, e estruge em todas as bocas e reflete-se em todos os olhares.

Dir-se-ia que o Entrudo entorna, por estes dias, sobre as almas, faúlhas de febre feliz e suscita pruridos de sinceridade franca.

Rostos afovelam-se de mascaras espessas, velam-se vozes num falsête desorientadôr, acobertam-se farpelas de uso constante com dominós de aluguer, e as almas esboçam-se em contornos nitidos sob os disfarces, desenham-se em traços rijos, e surgem, na sua nudez primitiva, escancarando chagas e vícios, a hediondês da animalidade antiga e as táras complicadas da humanidade contemporânea.

Quanta amargura num riso nervoso! Quanto fel numa ironia amistosa! Quanta inveja numa intriga facil! E que repugnantes andrajos sob oiropeis de brilho!...

O povo que festeja o seu carnaval traça a caricatura, cruelmente verdadeira, da sua vida. Os trajés, as visagens, as imitações burlescas, as intrigas, os gestos, as palavras — tudo nos fala do seu espirito e do seu modo de encarar a vida e os factos do dia corrénte.

O carnaval é a projecção clara dos ridiculos, é a amplificação grotesca dum povo.

No fundo, é a ironia última da vida civilisacional. Permita a tradição tréguas de livre folgança no labor constante, intervale dias de entrudada foliôna no ano pacato, alargue a lei o âmbito da sua corrente, — e a animalidade irrisistível que barafusta nas raizes da alma de todo o bipede civilisado, rompe o veu da pruderie cingente, convulsiona-se, arrasta no macio lamaçal a epíderde viciosa, abre bôcas de clo, relumbra garras, e es-

CRONICA OCCIDENTAL

Fil-o que se aproxima!
Velhórro e miseravel, o Carnaval faz sua entrada cómica, vincada a mascara de riso alvar e envolta em nuvens de poeira.

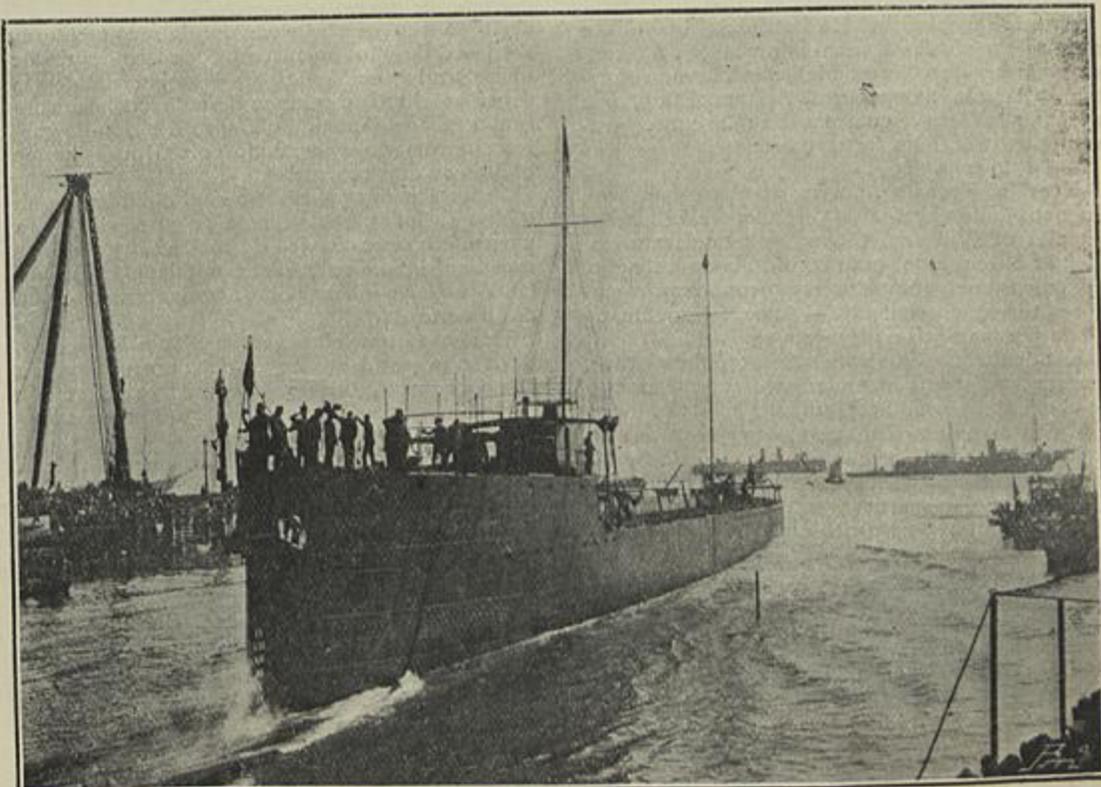
O tempo chuisquento já lhe amaciou num lamaçal o seu caminho... E o Carnaval assopra a buzina percuciente, agita, em cabriolas, os guisos da folia, e a multidão, respirando na ambiencia da sua loucura, embriaga-se e corre numa rabicha-a-bicha tonta.

E assim se forma e engrossa uma interminavel procissão de estouvados que vai folgando, num esbanjamento de alegrias doidas, pelos asfaltos das avenidas, mergulha nas covas-fundas, envereda pelas travessas tortuosas e sinuosas, penetra em nossos domicilios, insinuando intrigas, e transpõe os limfares escancarados das casas-publicas, provocando escandalos.

Cabelos em pó, vozes em falsête, trapos de oiropeis, gestos de chacota, mascaras bregueiras — eis, por ahí vão e discorrem os venturosos do momento, que disfarçam, talvez, a tristeza ironica da vida, numa hora de ironia contente.

Se a vida é um triste carnaval, este carnaval que o calendario nos marca, sendo, em sí, tambem triste, luta, face a face, com a tristeza propria, e aparentemente a vence, e assim nos dá um simulacro de alegria vitoriosa.

Na verdade, esta alegria domina por instantes; é intensiva, ainda que pouco duradoira.



O «DESTROYER» «DOURO» ENTRANDO NO MAR

corre todo o pus que revolve em si a sua primitividade sempre viva.

O Absoluto, nestes momentos, aflora aos lábios um sorriso esfíngico. Sim. Entretecei de frases fíneas e preciosas o berço onde se embala a vida, daí á humanidade gestos de liturgia, ponde nos seus olhares extases religiosos, velai as suas vozes de entonações dulcidas — e libertai-a, entregai-a a si mesma, e essa humanidade, sem freios, nem bragas, desmemoriada dos seus proprios dictâmes, esquecida dos seus proprios pensamentos, só escuta os instintos que nas profundas interioridades do seu sêr, a açulam, e refastela-se com gula no lixo e podridão.

E' que existe em nós, a par do cordeiro mistico, o porco rasteirinho dos monturos.

Ha este dualismo eterno da alma altivola e corpo rastejante. E devemos confessar que é o corpo, quem sempre predomina. O pensamento só flumina a sua animalidade irremovível, assim como o sol doira a lama dos pantanos.

A autoridade cidadina, prevendo resultados tristes da alegria carnavalesca, faz-se valer praticamente, manda afixar, pelas esquinas, editaes, regulamentando a folia. E ahí temos o nosso policia lopus — animal bronco, estúpido e incivil — na piogada do escandalo, lançando um laivo de carnaval normal e serio, na alegria anormal do dia.

Isto nada impedirá.

Ainda ha bens poucos dias, ali para os lados de Campo de Ourique, um grosso chinfrim se armou de que a nossa precavida sempre, mas sempre ausente, policia, não poude evitar as tristes consequencias. Ao caír da noite, ventosa e enevoadá, um grupo de pacatos divertidos preparava alegremente o ensaio duma cêgada patusca.

A cêgada tencionara recreiar complacentes espectadôres e calculara, talvez, amontoar centavos para recorrer ao dispêndio provavel do *coutumier* e carrascão do sítio. Desenrolava-se uma parodia aos interessantes zngaros dos ursos.

Havia o «domadôr» trajado com correção, e derredor saltitavam as «feras» na feliz inconsciencia de perfeitos irracionais.

O «cigano» sentia-se plenamente bem no papel grave de «domadôr de feras». E as «feras» rechinavam e folgavam graciosas no papel de bestas.

E o «domador» erguia o seu bastão, comandava e cantarolava e retinia o pandeiro.

— Eia... dançar... dançar...

E o «cigano» acompanhava a melopeia dum «han! han!» roufeno e fanhoso; e as suas «feras» seguíam a melopeia e as cadencias sonoras do pandeiro, em côro, com guinchos, uivos e rugidos. E a lua calava na amplidão dos ceus... E os espectadôres riam, riam, a bom rir, naquela betesga esconsa...

Eis, de subito, novos espectadôres chegam, ruidosos, desordenados, desordeiros, endemoninhados, que olham desdenhosamente a multidão e destampam nos focinhos glabros das feras, e seu dono, uma sarcastica gargalhada:

— Que bêstas não safadas!...

Armou-se chinfrim. Ha bordoadá, bofetôis, e sangue em efusão. Rugem imprecações. Ateíam-se fogareus de cóleras. Mulheres choram e gritam. Clamam por socorro. Apítam. E a policia aproxima-se, ergue com pausa a mão e torce gravemente os bigodes fartos e diz:

— Estão presos!

E estão. Torna-se, porém, assás sensível, uma pequena diferença. Na verdade, *estão presos* aqueles que, já sem forças, se estatelaram, gemendo e acusando, num lago de lama e sangue. Os outros, que fôram precisamente os provocadôres torvos da contenda — esses, felizmente, tinham pernas ageis e písaram-se.

E a policia, olímpicamente estúpida e grave, arrasta á prisão os ingenuos patuscos que melhor se acomodariam no hospital.

E é nisto que nos firmamos, para convencermos os nossos leitores de que as precauções dos editaes afixados ficarão inuteis e innocentes no papel.

Neste ano, o carnaval será tão grosseiro e bronco e falho de espirito como o carnaval dos anos que decorreram...

E aqui suspendemos e cortamos o fio do nosso discurso, para não nos embrenharmos, a nosso pezar, nos meandros dum sisudo sermão de quaresma. O nosso pulpito seria arrazado de pós e papelinhos carnavalescos. E as nossas santas palavras provocariam caluniosas, profanas e ímpias interpretações.

ANTONIO COREIRA.



A mulher é um altar sagrado em que o homem adora o seu creador.

Lançamento ao mar do «destroyer» português «Douro»

Com a assistencia de sua ex.* o Presidente da Republica, ministerio, officialidade de marinha e outros funcionarios officiaes, convidados e alguns milhares de pessoas que enchem o Arsenal e se acumulavam pelas cercanias, nos pentos onde poderiam gosar o invulgar espectáculo, foi lançado ao Tejo, o *destroyer Douro*.

Invulgar espectáculo, é certo, nesta terra de «heroes do mar» em que foi tempo que, na Ribeira das Naus, se construíam e aparelhavam com grande afan as naus e caravelas que iam singrar «por mares nunca d'antes navegados».

Então era o nosso Arsenal como que escola de construções navaes, onde estrangeiros vinham aprender. Os marinheiros portugueses faziam o espanto do mundo com seu arrojo e intrepidez de se aventurarem ao mar tenebroso.

D. João II, o *homem*, como lhe chamou Isabel a Catolica, empenhado no descobrimento do Caminho do Oriente, imprimia ás construções navaes o maior desenvolvimento e ele proprio visitava os estaleiros e animava com a sua presença e com a palavra os operarios.

Os mundos desconhecidos para além mar, era o sonho dos portugueses desde o Infante D. Henrique, que no promontorio de Sagres estudava e traçava as rôtas dos navios que haviam de ir em seu descobrimento.

Os portugueses avantajavam-se aos outros povos descobrindo mundos para além e novas gentes para a civilização cristã, emquanto traziam dessas longinquas paragens a flôr da sua flôra, os mineraes preciosos, as especiarias e as drogas, que tudo vinha operar essa revolução nas industrias e no commercio da Europa, que impulsinou o progresso desta civilização que se disfruta.

Tudo isto vem a proposito do lançamento ao mar dum navio do nosso Arsenal, coisa rara, infelizmente, em nossos tempos, não obstante sermos uma potencia colonial e os portugueses serem os primeiros marinheiros do mundo!

Da decadencia da nossa marinha vem a decadencia do país; a alma do povo sente-o bem e, por isso, se alegra sempre que um novo navio é lançado á agua. Uma força instintiva impele este povo para o mar, donde lhe veio toda a gloria, todo o poderío dos tempos idos, e ao mar ele corre pressuroso para vêr aquele espectáculo que tão raras vezes se lhe depara.

Foi solene o acto.

Tudo a postos, desembaraçada a carreira, retiradas as escôras, o navio fica só preso, a meia nau, por dois *cães*. O mestre dos trabalhos previne que o navio vae correr para o mar.

O Chefe do Estado aproxima-se da prôa, bate tres palmadas na quilha e diz: «Vae, *Douro*, em nome da Patria e da Republica e que o teu lançamento seja o inicio do engrandecimento da marinha de guerra portugueza.»

Até o ceu se abriu em um de seus melhores sorrisos, de tão borrascoso que tem andado; muito azul e cheio de sol, despejou sua alegria sobre as almas, e rompeu de todas as bôcas um bravo unisono quando o *Douro* deslisou da carreira apumado e impavido entrou no Tejo que o abraçou amigamente.

Vivas e palmas resoaram confundindo se com o hino nacional, que a banda da guarda de honra tocava. No rio os navios de guerra salvaram e as suas bandeiras e galhardetes multicolores tremulando no ar punham notas alacriantes sob o azul do firmamento.

Um novo navio era, emfim, lançado ao mar. Para as necessidades da marinha portugueza, era como que uma gota de agua no Oceano!...

Este novo vaso de guerra, da classe dos *destroyers*, principiou a construir-se em 22 de fevereiro do ano passado e, sendo lançado á agua em 22 do corrente, levou a sua construção na carreira 11 mezes exátos. Os entendidos dizem ser este um dos barcos mais perfeitos que se tem construido no nosso Arsenal, o que muito honra os operarios portugueses que nele trabalharam.

O *Douro* tem o deslocamento de 700 toneladas, comprimento entre perpendiculares 73 metros, bôca 7 e imersão media 2^m,4.

O aparelho motor compõe se de tres turbinas tipo Parson, conduzindo cada uma a sua helice, uma central e duas lateraes, tendo esta ultima inversão de marcha.

Desenvolve a força de 11:000 cavalos, com tiragem forçada.

A sua velocidade maxima e de 27 nós, dando as turbinas 800 voltas por minuto.

O raio de acção é de 400 milhas á velocidade maxima e de 1:600 milhas á velocidade de 15 nós á hora.

As suas caldeiras, em numero de tres, são do tipo Yarrow, sendo uma delas dupla.

O seu armamento é composto por duas peças Armstrong de 7 milímetros tiro rapido e uma de 10 centímetros do mesmo sistema, e dois tubos lança-torpedos.

Tem dois masts, tres chaminés e telegrafia sem fios. Estação de electricidade com dois poderosos dinamos que fornecem energia para iluminação, ventilação de todos os compartimentos e para dois holofotes, instalados um á prôa e outro á pôpa do navio. Quatro embarcações, sendo uma movida a gazolina. Um distilador e vaporizador que produz 20 toneladas de agua para as caldeiras e quatro toneladas de agua potavel por dia.

A vante estão as cobertas da marinhagem e o alojamento do estado menor, á ré a camara e camarotes dos officiaes, sendo todos estes alojamentos muito confortaveis e higienicos.

A sua guarnição consta de: um capitão-tenente comandante, um primeiro tenente immediato, um primeiro tenente maquinista chefe da maquina, dois segundos tenentes encarregados respectivamente da elêctricidade, torpedos e da artilharia, dois mestres de maquinas, quatro primeiros sargentos condutores de maquinas, quatro sargentos de outras brigadas, 30 praças do convex e 28 das maquinas, perfazendo um total de 73 homens.

Conta-se que em junho proximo o *Douro* fique concluido e pronto a entrar em serviço.

Os nossos votos é que muitos outros se construam para que a armada portugueza possa condignamente desempenhar a missão que lhe compete e para que lhe não faltam os melhores officiaes e marinheiros.

C. A.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

A suspensão das negociações em Londres, entre os delegados balkanicos e a Turquia, decidiu as potencias a trabalharem mais activamente para a paz. Consequentemente, os embaixadores redigiram, com a approvação dos seus respectivos governos, a seguinte nota collectiva, que foi entregue á Sublime Porta, em 17 do corrente, pelo marquês de Palavicini, embaixador da Austria-Hungria e decano do corpo diplomatico de Constantinopla:

«Os abaixo assignados, embaixadores da Austria-Hungria, da Inglaterra, da França, da Russia, da Allemanha e da Italia, foram encarregados pelos respectivos governos de transmittirem a Sua Excellencia o ministro dos negocios estrangeiros de Sua Majestade o Sultão a communicação seguinte:

No desejo de evitarem o perigo das hostilidades, as seis potencias julgam dever chamar a attenção do governo imperial ottomano para a grave responsabilidade que assumiria no caso de, resistindo aos seus conselhos, obstar a que a paz seja estabelecida. Só teria que se queixar de si, desde que a prolongação da guerra tivesse como resultado o pôr novamente em fôco a sorte da capital, e, quem sabe mesmo, estender as hostilidades ás provincias asiaticas do Imperio.

Em tal caso, não poderia contar com o exito dos esforços das potencias, para o effeito de o perservar contra os perigos a que já uma vez o aconselharam, e agora novamente aconselham, a não se expôr.

Em qualquer hypothese, o governo imperial ottomano necessitará, logo que esteja concluida a paz, do apoio moral e material das grandes potencias europeias para se refazer dos danos causados pela guerra, consolidar a propria situação e valorisar os amplos territorios asiaticos, cuja prosperidade constituirá a parte mais effectiva da sua força.

Para meter hombros a esta empreza e levar a bom caminho obra tão necessaria, o governo de Sua Majestade Imperial o Sultão não poderá contar com a efficacia do apoio benevolo das potencias, emquanto não tiver acquiescido aos seus conselhos, que se inspiram tanto nos interesses geraes da Europa como nos da Turquia.

Nestas condições, as grandes potencias euro-

peias julgam dever renovar collectivamente, perante o governo imperial ottomano, o conselho de convir na cedencia da cidade de Adrianopla aos Estados balticos e de confiar ao seu arbitrio o cuidado de estatuir o que mais convenha com respeito ao destino das ilhas do mar Egeu.

Em troca de taes concessões, as alludidas potencias occupar-se-hiam em garantir a defésa dos interesses mussulmanos em Adrianopla e o respeito pelas mesquitas, edificios e todos os bens religiosos comprehendidos naquella cidade.

Egualmente procederiam de fórma que a solução por ellas dada á questão das ilhas do archipelago excluísse toda a especie de ameaças no respeitante á segurança da Turquia.»

Falava-se em que se faria uma demonstração naval no Bosphoro, mas, por influencia da Allemanha, onde agora se operou um movimento turcophilo, a acção das potencias limitou-se á nota.

A cedencia de Adrianopla é a sentença de morte da Turquia, disse Sefa-bey, ministro ottomano em Bucarest.

Kiamil pachá mandou convocar o *Divan*, ou *Assembleia Nacional*, que se reuniu no palacio de *Dolma Baghtché*, nas margens do Bosphoro, com o fim de se pronunciar sobre a nota. O ministro da guerra, Nazim pachá, affirmou que o exercito podia resistir victoriosamente nas linhas de Tchaltadja, mas que, como soldado disciplinado, obedeceria ás resoluções da assembleia. Os ministros dos estrangeiros e das finanças mostram as deploraveis condições da Turquia, ao mesmo tempo que se lê uma nota pessoal da Russia aconselhando a Porta a ceder á pressão das grandes potencias. O grão vizir, que presidia áquella sessão, declarava em voz calma: *E' com a maior tristeza que cedemos ás imposições das grandes potencias, mas vós acabaes de reconhecer que o interesse superior da nossa patria nos ordena que assim procedamos.*

Estas graves palavras foram ouvidas em silencio por principes de sangue, antigos ministros, senadores e ulemas. Só uma voz se ergueu a protestar, bradando pelo rompimento das hostilidades. Era o jovem turco Olsmail Hakki-Kiamil-pachá e Saíd Kutchuk-pachá, que estavam de mal ha mais de vinte annos e fazem as pazes. Parece que a questão baltica está em via de solução, recebendo-se com indizível satisfação a boa nova de que a Turquia havia cedido a capital da Thracia.

A decisão do gabinete de Kiamil-pachá provocou em todo o paiz grande indignação. Os jovens turcos, que haviam planeado um golpe de estado para a vespera da entrega da resposta da nota ás potencias, não se contentam com a demissão do gabinete Kiamil, substituido por Mahamud Cheoket pachá.

No dia 22 os membros do «comité» á frente d'uns cincoenta homens, entraram na sala onde se reunia o conselho de ministros, prendendo-os e matando Nazim-pachá e dois dos seus ajudantes de campo. Contam-se mais seis mortos! A morte de Nazim pachá pelos jovens turcos é verdadeiramente inexplicavel, por quanto aquelle general foi o portavoiz das suas reclamações junto do governo.

Apoz a surpresa do golpe de Estado jovem-turco, que deixou a Europa perplexa, e os allidos balticos algo satisfeitos, chega nos a noticia, embora não confirmada até agora, de que foi proclamada a republica em Constantinopla! Assim o disse o *Lokal-Anzeiger*, em telegramma de Bucarest.

O movimento dos jovens turcos representa claramente uma negativa formal á nota das potencias, isto é, a Turquia não cederá Adrianopla, que considera indispensavel para a sua defésa. Os Estados balticos apressaram-se portanto em romper as negociações, e os seus delegados em Londres já nomearam um «comité» de redacção da nota de ruptura, constituido por Madja-

reff, pela Bulgaria; Streit, pela Grecia; Vesnitch, pela Servia, e Voisnovitch, pelo Montenegro.

A guerra dos Balkans continua pois a ser uma verdadeira *boite á surprises*.

Quando acabará esta comedia, em que, infelizmente, e para vergonha do seculo e da civilização, a parte tragica tem tomado tão graves proporções?

Lisboa, 27 — 1 — 913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



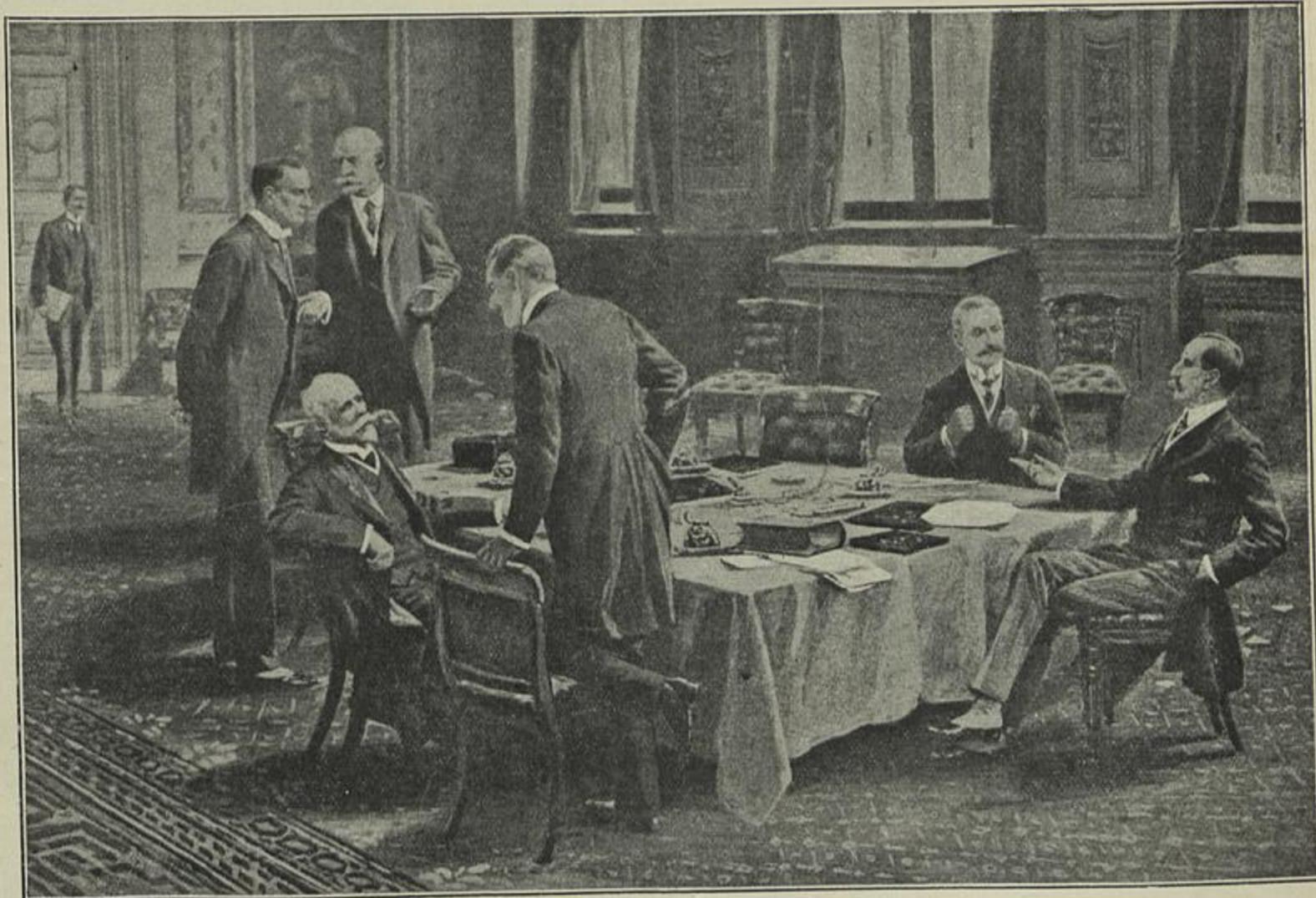
Exposição de pintura e desenhos a pastel das discipulas da sr.^a D. Zoé Batalha Reis

Continuam as exposições de arte a mostrar quanto se está cultivando e estudando a pintura e quanto ha a esperar da intensidade desse estudo, que aliás tem vindo afirmando se em apreciaveis frutos, desde o renascimento, por assim dizer, da nossa pintura iniciado nos ultimos trinta annos, com o qual se estabeleceu, o que hoje se chama Arte Modéna, e em que se contam artistas de valor na pintura, na esculptura e na arquitetura, que seria longo enumerar, mas que o publico de sobra conhece por suas obras.

Mas continua o estudo intensivamente. Todos os annos em certas epochas as nossas Escolas de Belas-Artes, fazem exposições dos trabalhos dos seus alumnos; a essas exposições vem agora juntar-se aquella que dá motivo a estas linhas: a dos trabalhos de pintura e desenho das discipulas da sr.^a D. Zoé Batalha Reis, a distintissima profesora a que ainda ha pouco nos referimos nesta

A GUERRA DOS BALKANS

E. Grey — Conde Benkendorff



Paul Cambon

Principe Lichnowsky

Conde Mensdorf

Marquês Imperiali

O CONSELHO DOS EMBAXADORES, EM LONDRES, DISCUTINDO A NOTA COLETIVA Á TURQUIA

(De um desenho de S. Begg da Illustration)

Exposição de Pintura e desenhos a pastel das discipulas da Sr.^a D. Zoé Batalha Reis



UM ASPETO DA EXPOSIÇÃO — AS EXPOSITORES MENINAS M. AMELIA PEREIRA, M. ANNA ACCIAIOLI, M. EMILIA VAZ FERREIRA, M. DE LOURDES ACCIAIOLI, M. INEZ DOTTI, JULIA RIBEIRO, D. ZOÉ BATALHA REIS, PROFESSORA

(Cliché Bobone)

Menina Alice Reynaldo — D. Zoé Batalha Reis
Menina M. E. Gaspar

Menina C. Silva Telles Menina M. Luiza Arriaga
Menina E. Alves da Silva



Menina Paula R. Nizart — Menina A. Serpa Brandão — M. A. Lolimann — Menina M. Luiza Costa Cabral — Menina A. Alvim Fernandes — Menina H. Moreira de Almeida
AS DISCIPULAS DA SR.^a D. ZOÉ BATALHA REIS, NO «ATELIER»

NAUFRAGIO DO VAPOR INGLEZ «VERONESE»



revista, reproduzindo alguns dos belos quadros expostos no atelier Bobone (1).

Neste mesmo atelier tem estado patente ao publico a exposiçao a que nos vamos referir.

Varias são as expositoras e eleva se a quarenta o numero de obras expostas. Pintura a oleo e

(1) Veja Occidente, vol. XXXV, 1912, pag. 287 do n.º 1224.



desenhos a pastel constituem os estudos que, na sua maioria, já se podem considerar obras acabadas, de que destacaremos os quadros a oleo, *Frutas*, e desenho a pastel, *Metaes*, da menina Maria Emilia Gaspar, duas belas produções que poderiam ser assinadas por artistas consumados, tal é a boa escola que revelam, e a inteli-



+ O MEDICO DE BORDO ALVAREZ ENTRE OS MEDICOS DA CRUZ VERMELHA E AS SENHORAS QUE AUXILIARAM OS SOCORROS — SALVAMENTO DE UM NAUFRAGO NO CESTO-CALÇÃO — TRABALHO NA PRAIA DA BOA NOVA PARA ESTABELECEER O CABO VAE-VEM — O «VERONESE» ENCALHADO NOS ROCHEDOS, VISTO DA PRAIA, E A CAPELA DA SENHORA DA BOA NOVA, ONDE SE ESTABELECEU UM POSTO DE SOCORRO AOS NAUFRAGOS — (Clichés Pereira Cardoso, simile M. Abreu).

gencia da autora em vêr o natural; o desenho a pastel é surpreendente pelo efeito verdadeiro que conseguiu dar aos metaes, o que neste genero de desenhos nos parece difficilimo, constituindo, feito daquele modo, um segredo do artista.

Mas em desenhos a pastel ha verdadeiros primores nesta exposiçao, como *Flores* da menina Maria Luiza Arriaga, filha de sua ex.^a o Presidente da Republica; e *Uma meza de cosinha*, da menina Maria Joaquina Lima Mayer Palmeir. Neste genero os desenhos expostos, mostram uma bela disposiçao e melhor aproveitamento das suas autoras muito de notar.



MENINA ADELAIDE PEREIRA

UMA DAS EXPOSITOAS QUE NÃO ENTROU NO GRUPO

Na pintura a oleo devemos ainda notar o n.º 33 do catalogo, *Geraneos*, da menina Ermelinda Alves da Silva, além de outros de que não podemos tomar nota, no pouco tempo de que dispomos para a nossa visita, que de resto nos deixou as melhores impressões.

Evidentemente a sr.^a D. Zoé Batalha Reis tem a rara fortuna de contar um grupo de discipulas que fazem honra á sua escola, e do qual ha mais alguma coisa a esperar do que simples amadoras, mas distintas artistas pela excepcional disposiçao que algumas das suas alunas afirmam nos trabalhos expostos.

Os nossos parabens á illustre professora e a suas distintas discipulas.

CAETANO ALBERTO.

O naufragio do vapor «Veronese»

Às 6 horas e 20 minutos da madrugada de 16 do corrente, encalhou a 3 milhas ao norte do porto de Leixões, nos rochedos da praia em frente á Boa Nova, o vapor *Veronese*.

Este vapor, da Lamport & Holt Line, é um belo transatlantico de 10:000 toneladas, tendo sido ultimamente todo renovado, nas melhores condiçoes de comodidade e luxo e que se empregava nas carreiras de New-York e Buenos Aires, vindo agora de Liverpool por Vigo em viagem extraordinaria para o Rio de Janeiro, conduzindo uns 140 passageiros entre eles emigrados espanhoes e alguns portuguezes incursionistas.

Trazia tambem muita carga destinada ao Brasil.

O *Veronese* encalhou de fórma a não se poder safar, reconhecendo-se ser impossivel o salvar-se.

Começa aqui mais um desses horriveis dramas do mar, que impressionam até o intimo do coração, quando toda a generosidade, toda a coragem são impotentes para acudir de pronto ao

salvamento dos que se debatem entre a vida e a morte.

Quando no Porto, ás horas matutinas da manhan correu a noticia do naufragio, uma boa parte da populaçao correu para o lugar do sinistro, na ancia de prestar todos os socorros para salvar os naufragos, de modo que, quando a primeira claridade do dia mal deixou vêr o perigo eminente em que estava o navio debatendo-se entre os rochedos, não faltava gente nem socorros na praia para acudir áqueles infelizes.

Mas o mar, alteroso, levantava-se em montanhas de agua que se desfaziam contra a costa e tudo varriam, tornando impossivel qualquer aproximaçao ao navio naufragado.

De bordo do *Veronese* haviam comunicado pela telegrafia sem fios com os vapores *Hollandia*, *Vauban* e *Rio Negro*, em viagem no alto mar. Estes vapores acorreram ao lugar do naufragio, mas nada puderam fazer porque o mar não os deixou aproximar do navio para prestar-lhes qualquer socorro.

A unica maneira de salvar os naufragos era lançar-lhe cabos de vae-vem e foi o que logo se procurou fazer, não sem enormes difficuldades, pois o vento tempestuoso desviava os foguetões e só depois de insanos esforços se conseguiu estabelecer o primeiro vae-vem pelos voluntarios de socorros a naufragos de Leça.

Foi o primeiro raio de esperança que sorriu aos desgraçados naufragos, mas a certa altura o cabo partiu-se e nova luta se estabeleceu para lançar mais cabos até que outro ficasse.

São mulheres e creanças que primeiro se salvam e, recolhidas no posto fiscal da Boa Nova, onde já funcionam os socorros da Cruz Vermelha e prestam serviço os medicos srs. drs. Albino Torres e Gomes de Araujo, ali são logo tratados os naufragos, alguns desfalecidos pelo frio e pela fome, pois haviam umas 48 horas que não comiam e outros veem feridos.

Estes naufragos contam passagens comovedoras, quer da anciedade em que estiveram quer do que viram, como o caso de uma grande vaga que invadiu o convez, varrer para o mar um homem, uma mulher e duas creanças, sem mais se saber destes infelizes.

O cabo vae-vem continua funcionando com grande difficuldade até de noite, mas ás 22 horas começam a escassear braços para a faina. A gente empregada no salvamento está extenuada, exausta de forças e sem alimento, para que lhe não chegue o tempo.

Vieram novos reforços do Porto, para que não parassem os trabalhos, mas o serviço do vae-vem não podia ser tão rapido que salvasse a tempo tantos naufragos.

Os socorros redobravam e logo na manhan do dia 17 chegava o salva-vidas *Cego de Maio*, da Povoia de Varzim, com a sua tripulaçao de lobos do mar, poveiros destemidos, costumados a encararem a furia das ondas, e a arrancarem-lhe da juba espumante as prezas da sua voracidade.

O *Cego de Maio*, rebocado de Leixões pelo vapor *Berrio*, chegou, enfim, ao lugar do sinistro e principiou a luta com os vagalhões para abordar o *Veronese*, aproximando-se da pópa quanto possivel, e por meio de uma boia de salvaçao correndo sobre um cabo estabelecido a custo entre o vapor e o salva-vidas, foi este recebendo os naufragos e, em sucessivas carreiras, levando-os para bordo do *Berrio*. Por este meio se salvou o maior numero de naufragos. Pelo mesmo processo tambem o salva-vidas *Rio Douro*, de Leixões, chegou mais tarde, salvou os restantes, sendo o ultimo a salvar-se pelo vae-vem no cesto-calção o comandante do *Veronese* Charles Turner.

De 96 tripulantes e 149 passageiros que vinham a bordo, foram salvos 99 pelos salva-vidas e os restantes pelo cabo vae vem, menos 32 que terão perecido.

Todos os naufragos foram recolhidos no posto da guarda fiscal, já referido, na Capela da Senhora da Boa Nova improvisada em posto de socorro e no posto de desinfecçao de Leixões onde o *Berrio* desembarcou os naufragos salvos pelos salva-vidas *Cego de Maio* e *Rio Douro*.

Os medicos da Cruz Vermelha, já referidos, e algumas senhoras inglesas, alemans e portuguezas, acudiam carinhosamente aos naufragos prestando-lhe todos os socorros de que estes careciam, sendo enviados para o hospital da Misericordia do Porto os que se encontravam em estado mais grave.

Por muitas casas de familias de Leça, Matosinhos e Foz foram aboletados a maior parte dos naufragos, depois de receberem o tratamento devido.

Não faltaram recursos de toda a especie para

minorar todos os sofrimentos moral e fisico daqueles infelizes, sendo fornecidas roupas a todos, donativos em dinheiro aos que eram pobres, e todos os confortos indispensaveis.

Para isto mais uma vez se manifestou a indole hospitaleira e compassiva dos portuguezes, tendo acudido importantes donativos á subscricao aberta pelo nosso respeitavel colega *Comercio do Porto* e que tem sido de uma soliciude extrema em minorar a sorte daqueles infelizes naufragos.

O Chefe do Estado mandou ao Porto o seu secretario sr. Forbes Bessa, como seu representante, apresentar ao sr. governador civil o seu profundo pesar pelo naufragio e, para em seu nome, apresentar suas condolencias aos passageiros que tivessem perdido pessoas de familia no naufragio.

Todas as autoridades empregaram seus bons officios para os prontos socorros e, tanto os bombeiros municipaes e voluntarios como o pessoal de socorros a naufragos trabalharam com a maior abnegaçao e incançavel esforço no salvamento de mais de duzentas pessoas, sendo coadjuvados por gente do povo que espontaneamente auxiliou esta obra de benemerencia e de humanidade.

Os naufragos mostram-se muito agradecidos pelo carinho com que tem sido tratados. O mesmo sentimento não mostram pelo comandante do vapor de quem se queixam amargamente.

O *Veronese* continua encalhado entre os rochedos e na mesma posiçao, considerando-se completamente perdido para navegar.

Um caso curioso ha a referir:

Entre os passageiros salvos conta-se o sr. Carlos Teixeira Ribeira Brava de Freitas, sobrinho do sr. Visconde da Ribeira Brava e do finado barão de Rio Branco.

O sr. Ribeira Brava embarcara em Liverpool com destino ao Brasil, sendo esta a quarta vez que naufraga, no espaço de quatro anos. A primeira vez no *Mauritania* em viagem para New-York; a segunda no hiate *Maria* em viagem da Madeira para Lisboa; a terceira no *Ambrose* de Lisboa para Liverpool. Esteve tambem para embarcar no *Titanic*, o que não realizou por ter chegado a Southampton meia hora mais tarde do que aquele grande vapor tinha partido na celebre primeira viagem em que se perdeu com quasi todas as pessoas que levava (1).

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1912

Barometro — Max. altura 777^{mm}.0 em 14.
 » Min. altura 754^{mm}.4 em 21.
Temperatura — Max. altura 14^o.8 em 2 e 5.
 » Min. altura 3^o.5 em 27.
 Durante o mez de dezembro nunca se registou uma temperatura, pelo menos, egual a 15^o, o que não sucedeu em Lisboa desde 1855. No emtanto as minimas não foram consideravelmente baixas.
Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 13 dias.
 » Ceu nublado 16 dias.
 » Ceu encoberto 2 dias.
Chuva — 18^{mm}.6 em 5 dias, um dos mezes de dezembro menos chuvosos que se tem observado

PELOS TEATROS

Nacional

O teatro cuja acçao morigeradora se verifica no decorrer dos tempos vae determinando o estado latente das sociedades pela efervescencia dos espiritos.

Pretendem álguns que um quadro de costumes dissolutos, puramente rialista e, por tanto, com todas as particularidades da escola, é o melhor meio de ensinar ao mundo que não é esse o bom caminho. Ora acontece que os detalhes são tão admiravelmente descritos, tão suggestivos que nos absorvem o espirito de modo a não permitirem que colhamos do conjuncto a moral que encerra. Se encontrarmos pelo contrario um pouco de ideal, álguma coisa acima da matéria, misteriosa, incompreensivel, que nos traga á álma um balsamo consolador, que nos recompense da lucha cruenta da Vida dando-nos uns instantes de con-

(1) Vid. OCCIDENTE vol. xxxv de 1912, n.º 1200.

templação beatífica do Belo, essa impressão perdura, quer a tenhamos colhido num detalhe, quer ela resalte do todo.

Eis porque me deixou excelente impressão a peça que o sr. Bento Mantua intitulou *Gente Moça*.

No decorrer da acção vai-se descortinando o espírito do autor, a sua intenção e a sua moral.

Não é um trabalho de psicologia, transcendente, difícil de apreender. A narração é singela, simples, serena. O autor fala pela boca das personagens e expõe-nos o que pensa sobre educação, casamento, amor, etc. É uma conversa entretida por pessoas de bem ao canto de um salão de casa austera. É uma obra de sentimento e porque o autor sentiu não procurou artifícios vãos nem se deu a vagas abstracções. A acção é completa e desenvolve-se regularmente. As personagens estão bem desenhadas. Sómente em algumas scenas os traços são indecisos, pouco firmes, tendo aliás muito de espontâneo mas faltando-lhe essa precisão que é indispensável no teatro.

A acção da *Gente Moça* é resumidamente o seguinte:

Um rapaz que vivia no estrangeiro onde estudara, voltou para casa de seu pae que pouco tempo antes se casara, pela segunda vez, com uma mulher nova ainda. Pelo convívio e por outras circumstancias apaixonaram-se um pelo outro.

Esse amor era um crime que repugnava ás suas almas rectas e bem formadas. Ele resolve partir mas quando o comunica a seu pae vê-se forçado a confessar o motivo imperioso que o obriga a proceder dêsse modo.

É um golpe rude para o pae que depois pretendendo saber se sua mulher ama também o seu filho adquire disso a certeza. Tinha-se casado com ela esquecendo se de que já não era novo. Eles eram gente moça. Viveriam torturados o resto da sua existencia. Poderiam eles acaso encontrar uma solução satisfatória para tal situação, uma solução que satisfizesse o seu espírito elevado? Não.

Só uma resignação estoica lhes poderia trazer um alívio para a sua enorme desgraça. Era humano? sim, era humano porque se de outro modo procedessem desceriam abaixo do nível moral da sociedade, o que lhes não poderia dar essa satisfação íntima que resulta do sacrificio, do acto de vencer o instincto ou a própria natureza rebelde.

A peça não se limita a demonstrar o perigo das ligações desiguais pela idade; faz a apologia do dever.

Este novo trabalho do sr. Bento Mantua representa um bem intencionado esforço muito para aplaudir pela sinceridade, elevação de espírito, correcção de estylo e simplicidade que o distinto escritor tão bem soube usar.

O desempenho prejudicou bastante a peça. Carlos Santos não deu ao seu papel a vida que elle requeria. Palmira Torres teve algumas scenas em que deu largas à sua tendencia dramática, noutras pecou por excesso. Antonio Pinheiro e Inácio muito correctos nos seus papéis.

A. DE MELLO E NIZA.



Literatura estrangeira

VII

«A Besta humana» de Emilio Zola.

Mais um magnifico romance de Emilio Zola acaba de ser lançado á publicidade pela conceituada livraria Guimarães & C.^a. Intitula-se a *Besta humana* e é o 18.^o volume

da *Historia natural e social de uma familia no segundo imperio* e do qual ha já publicados por esta casa: *O crime do padre Monret*, *A taberna*, *O paraizo das damas*, *O Germinal*, *A obra*, *O dinheiro e a derrocada*. O grande e fecundo escriptor francez tentou applicar ao romance os processos scientificos e explicar pelas leis de hereditariedade como se comporta em meios bem diversos um certo numero de individuos isolados de uma mesma origem physiologica.

Pintou esses meios com brilhante relêvo, com grande intensidade.

Descrever o que é o romance não é cousa que caiba nos estreitos limites de uma pequena noticia, este o motivo porque nos abstermos de o fazer.

Fechámos, pois, esta ligeira referencia, dizendo que a traducção, confiada a *Sandemonio*, é correctissima, não tirando o sabor nativo antes fazendo o seu trabalho consciencioso e scintillante em portuguez vernaculo.

A Guimarães & C.^a, os nossos agradecimentos pelo exemplar da *Besta humana* que nos enviou e que constitue os volumes 85 e 86 da excelente *Colecção Horas de Leitura*.

RUY DE ABOIM.



Recebemos as seguintes obras que desde já agradecemos a seus autores e editores e de que oportunamente se fará a apreciação:

O Instituto. *Revista Scientifica e Literaria.* Vol. 59.^o n.^o 12. Dezembro de 1912. Coimbra. Sumario: *A ordem de Santiago e a musica reli-*



NAUFRAGIO DO «VERONESE»

CONDUÇÃO DE UM NAUFRAGO PARA O HOSPITAL DE MATOSINHOS — LEÇA

(Cliché Pereira Cardoso, simile M. Abreu)

giosa nas igrejas pertencentes á mesma ordem, Sousa Viterbo; *Memórias de Castilho*, Julio de Castilho; *Mogarem (Episodio oriental)*, Soares Rebelo; *O romantismo ingles*, Carlos de Mesquita; *Fontes dos Luziadas*, dr. José Maria Rodrigues; *Nota bibliografica*, J. C. Rodrigues da Costa.

A Tutoria. *Revista mensal de fensôra da infancia.* Director proprietario, Pedro de Castro; redactor, Alexandre Barbas. Redacção e administração, rua da Bela Vista, á Graça, 76, Lisboa.

Sociedade de Geografia de Lisboa. *Boletim* n.º 8 a 10, de agosto, setembro e outubro. Sumario: *Estudos coloniases—Instituições de fomento colonial estrangeiras*, Carlos Eugenio de Mello Geraldês; *Ideias, factos e homens*, João Farmhouse.

Avê Charitas! *Ao grande coração de luz do illustre sr. dr. Manuel d'Arriaga, prestigioso e e dignissimo Chefe de Estado*, por Angelina Vidal. Imprensa Lucas, Lisboa.

O Anel de Ferro. *Historias para crianças*, por D. João de Castelo. Empresa da Historia de Portugal, editora. Rua Augusta, 95, Lisboa.

As Mil e Uma Noites. *Contos arabes*, traduzidos por Emilia de Araujo Pereira, 2 vol. Guimarães & C.ª, editores. Rua do Mundo, 68, Lisboa.

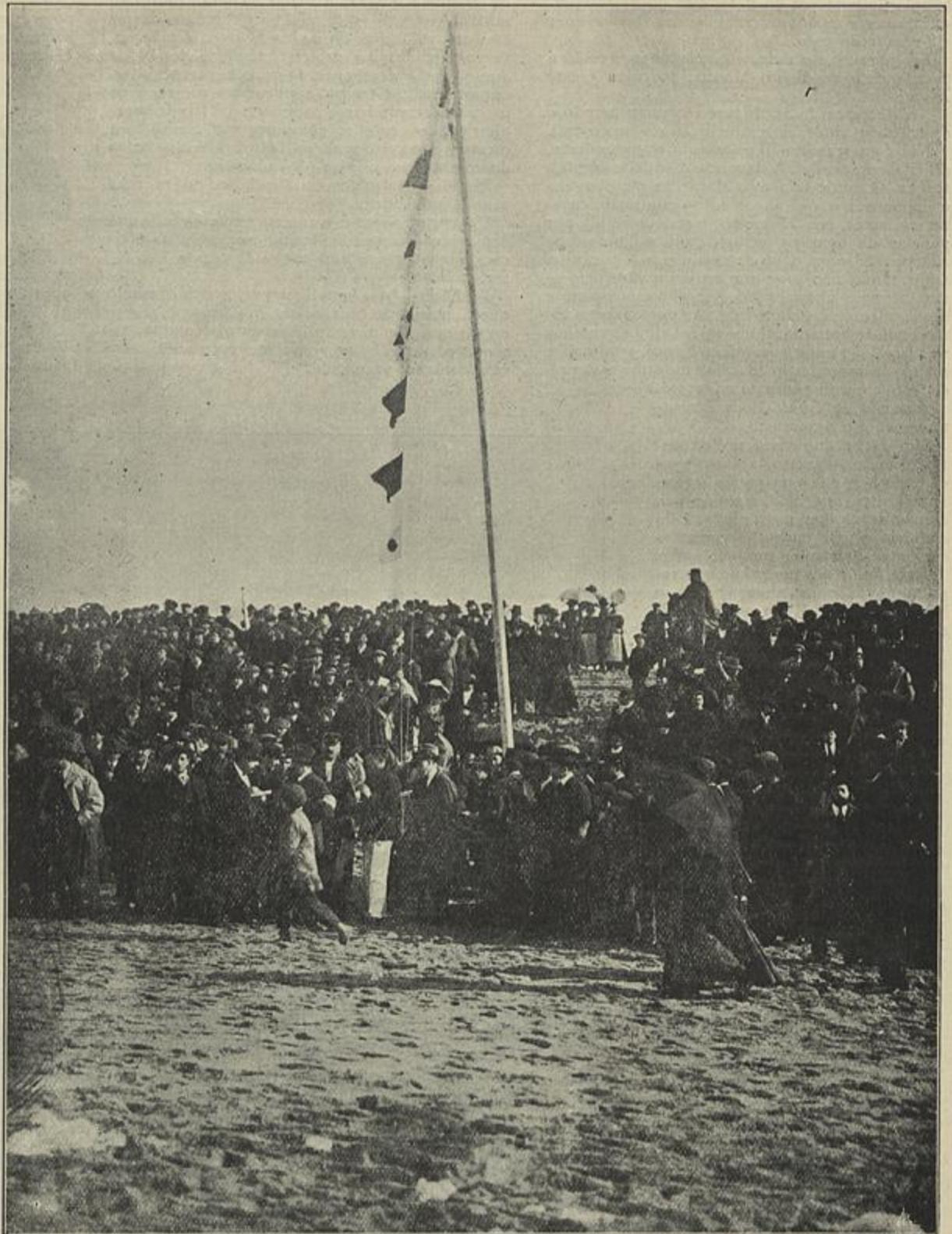
Deus e o Diabo, por Afonso Karr, tradução de Maria Benedita Pinho. Guimarães & C.ª editores. Rua do Mundo, 68, Lisboa.

Cartas d'Amor, de Soror Mariana Alcoforado, edição revista e prefaciada por Manuel Ribeiro. Guimarães & C.ª editores. Rua do Mundo, 68, Lisboa.

Iniciação Filosofica, por Emilio Faguet, da Academia Francêsa. Tradução de José Simões Ceelho. Guimarães & C.ª editores. Rua do Mundo, 68, Lisboa.

A Princesa Flora, por Alexandre Dumas, tradução de Antonio Guimarães. Livraria editora de Guimarães & C.ª, Rua do Mundo, 68, Lisboa.

Sapho, por Afonso Daudet, tradução do dr. Carlos José de Menezes. 2.ª edição. Guimarães & C.ª editores, Rua do Mundo, 68, Lisboa.



NAUFRÁGIO DO «VERONESE» — POSTE DE SINAES IMPROVISADO NA PRAIA

Almanaque Ilustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis,
nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13500 réis e dos melhores tecidos ingleses desde 22000 réis. Ha sobretudo feitos.

Rua do Loreto—Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º—LISBOA

CONTRA
A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149—LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata » » » 240 »

A' venda em todas as pharmacias